

# Aquisição da Fonologia: Questões Teóricas e Empíricas

**Carmen Lúcia Barreto Matzenauer<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

**Ana Ruth Moresco Miranda<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

**Maria João Freitas<sup>3</sup>**

Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

## Apresentação

(...) apesar da imensa diversidade de circunstâncias, todas as crianças aprendem a falar e entender com mais ou menos a mesma idade e com uma margem de variação muito estreita. (HUMBOLDT, 1836)

O prodígio da aquisição da linguagem desafia e fascina estudiosos que se interessam pelos feitos humanos. Filósofos, psicólogos e linguistas, intrigados com a naturalidade e a rapidez com que um conhecimento tão complexo se manifesta nas crianças por volta de seu segundo aniversário, vêm há alguns séculos especulando sobre a natureza desse saber e também sobre a forma como ele se desenvolve nesse curto período de tempo. Foi a partir de meados do século XX, no entanto, que as pesquisas sobre a aquisição da linguagem (AL) ganharam centralidade e forma. Abriu-se, assim, um novo campo de investigações impulsionadas pelo gerativismo chomskiano que marcou o fim da hegemonia behaviorista nos estudos linguísticos e estimulou o desenvolvimento da psicolinguística, uma área dedicada à produção, ao processamento e à aquisição da linguagem.

Após período de ênfase na perspectiva racionalista que trouxe para o centro do debate a linguagem e a cognição e cuja importância é inquestionável tanto para a Linguística como para a Psicolinguística, os estudos em AL, fortemente nutridos por questões advindas da Teoria Linguística e do desenvolvimento cognitivo, foram propiciando diálogos entre

<sup>1</sup> CNPq – Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4505-7521>. E-mail: [carmen.matzenauer@gmail.com](mailto:carmen.matzenauer@gmail.com)

<sup>2</sup> CNPq – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1380-5751>. E-mail: [anaruthmmiranda@gmail.com](mailto:anaruthmmiranda@gmail.com)

<sup>3</sup> Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1155-3930>. E-mail: [joaofreitas@letras.ulisboa.pt](mailto:joaofreitas@letras.ulisboa.pt).

diferentes epistemologias. Pesquisas que elegem uma ou mais facetas dentre as tantas que compõem o conhecimento da língua e estão em jogo ao longo do desenvolvimento da linguagem na criança põem o foco na forma, privilegiando estudos relacionados ao conhecimento fonológico, morfológico e sintático, ou o foco no uso e na função, voltando-se para a linguagem na interação e na comunicação. As décadas de 1980 e 1990 foram períodos de grandes desenvolvimentos nas pesquisas em AL no Brasil e em Portugal sob o impacto da disseminação do pensamento de Chomsky e de Piaget (PIATELLI-PALMARINI, 1980) e também de Vygotsky (1962).

No Brasil, a aquisição da fonologia ganhou proeminência em estudos desenvolvidos no Rio Grande do Sul e na Bahia, os quais, à luz de modelos gerativos, abordavam o desenvolvimento típico e atípico da linguagem (LAMPRECHT, 1986, 1990; MATZENAUER-HERNANDORENA, 1988, 1990; TEIXEIRA, 1985). Inspirados nesta investigação e enquadrados no mesmo modelo teórico, surgem, em Portugal, nos anos 90, os primeiros trabalhos sobre aquisição fonológica em contexto de desenvolvimento típico desenvolvidos na Universidade de Lisboa (FREITAS 1997).

Os estudos sobre a escrita inicial, interpretada como parte integrante de um processo mais geral de aquisição da linguagem, desenvolveram-se de maneira quase simultânea às pesquisas sobre a fala. No Brasil, no final dos anos de 1980, Maria Bernadete Abaurre e Luiz Carlos Cagliari deram início aos estudos de escrita infantil em uma perspectiva linguística. Essa iniciativa prosperou e atualmente encontra-se difundida e consolidada em grupos de pesquisa de Universidades brasileiras. Já em Portugal, foi na década de noventa que Maria da Graça Pinto e João Veloso desenvolveram os primeiros estudos sobre escrita infantil na perspectiva acima enunciada.

Alguns dos desdobramentos das pesquisas realizadas ao longo desses últimos quarenta anos podem ser encontrados em artigos que compõem este número temático e que privilegiam aspectos teóricos e empíricos relacionados às estruturas fonéticas e/ou fonológicas. Os textos centram-se na discussão do desenvolvimento da linguagem infantil de crianças brasileiras, portuguesas e uruguaias desde uma perspectiva fonológica, a partir de dados de fala e/ou de escrita. A primeira parte do Dossiê apresenta um conjunto de artigos que contemplam a fonologia em dados de fala.

Na ausência de dados de referência sobre a aquisição das vogais em crianças portuguesas, Rita Santos e Maria João Freitas, no artigo intitulado *Sobre a aquisição de vogais átonas em português europeu: dados preliminares com base num estudo de caso*, descrevem dados longitudinais naturalistas de uma criança gravada mensalmente entre os 0;11 e os 4;2 (disponíveis no *corpus* CCF - The PhonBank Project – CHILDES). São descritas as produções dos alvos [i, e, u] átonos, tendo sido identificada a ordem de aquisição [u] >> [e] >> [i]. As autoras relatam a aquisição relativamente precoce de [u, e] (entre os 1;8 e os 2;8) mas tardia de [i] (ainda não adquirida no período 3;11 – 4;2). Descrevem, ainda, um efeito morfossintático não homogêneo: [u, e] são adquiridos primeiramente como marcador de classe e só depois em radical; o inverso é registado para [i]. Os resultados são discutidos à luz das propriedades fonológicas e morfossintáticas do sistema alvo e confrontados com a

hipótese comumente assumida na literatura sobre a aquisição precoce das vogais nas línguas do mundo.

Larissa Cristina Berti, Elissa Barbi Mouro Pagliari Cremasco e Mayara Ferreira Assis, no texto intitulado *Identificação de contrastes fricativos do Português Brasileiro por crianças com e sem distúrbio dos sons da fala* (DSF), comparam o desempenho perceptual de crianças de desenvolvimento fonológico típico e atípico na realização de uma tarefa de identificação de contrastes fricativos. Os resultados mostraram diferença entre os grupos estudados quanto ao tempo de reação, mas não quanto à acurácia e ao padrão de erros. As crianças com DSF apresentaram maior tempo de reação tanto para os acertos quanto para os erros e ambos os grupos produziram mais erros envolvendo o ponto de articulação das fricativas. As autoras observam que crianças com DSF são mais laboriosas na identificação das fricativas e que pistas acústicas relativas ao ponto de articulação e ao vozeamento parecem ter um papel fundamental na percepção dessa classe de consoantes.

Em *A construção do sistema consonantal por crianças falantes nativas de Espanhol*, Bruna Ribeiro Viraqué e Carmen Lúcia Barreto Matzenauer descrevem e analisam a aquisição fonológica de contrastes entre as consoantes à luz do modelo teórico de Princípios Fonológicos baseados em Traços, de Clements ([2005] 2009), por meio do Modelo Padrão de Aquisição de Contrastos (PAC), proposto por Lazzarotto-Volcão (2009). A aquisição fonológica das crianças uruguaias mostrou-se muito semelhante à das crianças brasileiras, sendo aquelas mais precoces na emergência do contraste determinado pelo traço [±anterior] na classe das fricativas. O estudo, que revelou tendências gerais na aquisição fonológica, mostrou também a necessidade de um ajuste na estrutura do PAC a fim de dar conta da especificidade do inventário consonantal do espanhol.

Andressa Toni, no artigo *Tleco, [tl]ave, atlas: o que sílabas marginais /tl/ podem revelar sobre o desenvolvimento da Fonotaxe na fala de crianças brasileiras?*, discute, a partir da sílaba /tl/, o papel de generalizações sobre o *input* e de evidências negativas indiretas na construção do conhecimento fonotático das crianças. A autora argui que tal encontro consonantal, apesar de potencialmente produtivo, tem 0% de frequência. Para checar se sílabas /tl/ seriam classificadas pelas crianças como malformadas (pela ausência no *input*) ou bem-formadas (pela generalização das permissões fonotáticas de C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub>), observou a produção de /tl/ em comparação a /tr, dr/ e /pl, bl/ pela aplicação de um teste de repetição de pseudopalavras. Os resultados apontam que a produção inicial de /tl/ é baseada nas generalizações fonotáticas sobre C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub>, sendo posteriormente refinada com base na ausência de *input* (evidências negativas indiretas).

A investigação sobre apagamento de sílaba em contexto de encontro vocálico dentro da palavra, produção de sílabas V(C) e apagamento de ataque em sílabas CV, realizada por Raquel Santana Santos, é relatada no artigo intitulado *A confluência do sândi, sílaba, segmentos e arcabouço prosódico – o caso do Português Brasileiro*. Os resultados revelam que são poucos os contextos de encontros vocálicos internos na amostra estudada e que a produção de V não foi afetada pelo tipo de vogal envolvida. De acordo com os dados, as crianças não têm problemas em produzir sílabas V(C) quando surge contexto para sândi

vocálico externo e os casos de apagamento de ataque decorrem do fato de as consoantes não constarem nos inventários segmentais. Quanto aos apagamentos verificados, a maior incidência está em estrutura dissilábica e a primeira sílaba da palavra é a mais afetada, pois esta é a posição que mais apresenta sílabas V(C) átonas no português brasileiro.

A segunda metade deste Dossiê contempla uma série de artigos em que a relação fala-escrita é posta em evidência.

No artigo intitulado *Dados de escrita de crianças de escolas portuguesas: vogais não acentuadas*, Celeste Rodrigues e Maria do Carmo Lourenço-Gomes descrevem dados longitudinais do *corpus* EFFE-ON relativos a registos escritos de vogais não acentuadas do português europeu, produzidos por crianças dos 2º e 4º anos do Ensino Básico a frequentarem escolas de Lisboa. São observadas as vogais ortográficas <e; i> e <o; u>, sendo os dados interpretados à luz da relação destas entidades ortográficas com as vogais /ɛ, e, i/ e /ɔ, o, u/, respetivamente, em contexto átono. Os resultados apontam para comportamentos ortográficos dependentes da natureza da vogal. Maior frequência de formas não convencionais é registada em posição pretônica, por oposição à postônica, colocando-se a hipótese de um efeito dos estatutos morfológicos das vogais nestas duas posições.

Jéssica Gomes e Celeste Rodrigues são autoras do artigo *A escrita de /s/ e /z/ em português europeu: dados de crianças do segundo ano de escolaridade*. Estando o sistema de sibilantes sujeito a variação dialetal em território português, as autoras descrevem dados de escrita produzidos por crianças de escolas em diferentes pontos geográficos, compilados no *corpus* EFFE-ON, já inspecionado no artigo anterior. Os resultados permitem identificar uma escala de sucesso decrescente na escrita das crianças, correlacionada com a sua origem geográfica (Mondim de Basto >> Bragança >> Canas de Senhorim >> Lisboa). Esta escala espelha a menor opacidade ortográfica associada ao sistema de sibilantes no norte do país (Mondim de Baixo; Bragança), interpretada como estando subjacente ao maior sucesso das crianças nestes pontos geográficos. Já as crianças de Lisboa são as que apresentam taxas de sucesso mais baixas, o que decorrerá do grau mais elevado de opacidade ortográfica associado às sibilantes nesta zona. Canas de Senhorim, na fronteira entre dialetos setentrionais e centro-meridionais, apresenta valores intermédios face às restantes localidades. Os resultados contribuem, assim, para uma reflexão sobre o uso de dados da variação linguística na planificação didática.

Suellen Vaz e Lourenço Chacon, no artigo *Aspectos fonológicos de consoantes líquidas e acurácia ortográfica no Ciclo de Alfabetização de crianças brasileiras*, analisaram a relação entre a acurácia na grafia das consoantes líquidas, a posição silábica e o ano escolar. Os dados produzidos por crianças brasileiras dos anos iniciais, ao serem analisados, mostraram relação parcial entre a estrutura silábica e as grafias observadas, diferentemente do que se verifica na aquisição fonológica, caso em que a posição silábica é determinante para a produção das líquidas. Foram quatro as tendências observadas a partir dos dados: (a) mais acertos que erros em todas as posições; (2) maior acurácia para ataque simples, seguido de ataque complexo e, por fim, em coda; (3) relevância do ano escolar apenas para ataque complexo e coda; (4) não-efeito da posição que a coda simples ocupa na palavra.

Chamam atenção, ao final do estudo, para o estabelecimento de relações não diretas entre fala e escrita infantil no que se refere à ortografia das líquidas no Ciclo de Alfabetização.

No artigo de Teresa Costa, Celeste Rodrigues e Maria João Freitas, *Consoantes (não) soantes em final de palavra: dados da escrita de crianças portuguesas*, as autoras centram-se nos registos ortográficos dos segmentos /l, r, s/ em final de palavra realizados por crianças portuguesas do 2º ano de escolaridade e disponíveis no *corpus* EFFE-ON. Os resultados mostram taxas de formas não convencionais semelhantes na escrita das três consoantes, porém de naturezas distintas: as soantes desencadeiam frequentemente inserção de vogal final, com conseqüente alteração da estrutura silábica; a fricativa associa-se preferencialmente a omissões. Os dados são discutidos à luz das propriedades fonológicas das consoantes em foco na gramática alvo e dos dados de referência sobre a sua aquisição fonológica por crianças portuguesas.

Em *Sílabas complexas na escrita de crianças brasileiras dos anos iniciais: indícios sobre o acesso às estruturas intrassilábicas*, Lissa Pachalski e Ana Ruth Moresco Miranda consideram que a primeira e mais abrangente motivação para a ocorrência de erros (orto)gráficos em sílabas complexas na escrita inicial é de ordem fonológica. Os dados, extraídos de textos espontâneos de crianças dos anos iniciais e referentes aos ataques e às rimas complexas, servem de base para a discussão proposta, qual seja, a de que, ao compreender os princípios do sistema de escrita alfabética, as crianças precisam não apenas dar conta das relações fonema-grafema mas também ter acesso à estrutura intrassilábica armazenada na sua gramática fonológica, a qual poderá ou não estar em consonância com a gramática adulta, sendo este o momento adequado para que, quando necessário, possam ocorrer reestruturações do conhecimento fonológico.

Marceli Tessmer Blank, no artigo intitulado *Aquisição da escrita de alunos bilíngues (pomerano/português brasileiro): relação percepção/escrita*, descreve dados referentes à percepção e aos erros de escrita de contrastes fonológicos das obstruintes do português de três grupos de crianças do ensino fundamental: monolíngues, bilíngues (pomerano/português) e intermediários. A análise focaliza o funcionamento do traço [sonoro] cujo comportamento é peculiar a cada um dos sistemas, do português e do pomerano. Os resultados mostram que a relação percepção/escrita, no que se refere às obstruintes, mostra-se distinta entre os grupos estudados. O grupo bilíngue parece estabelecer uma relação mais direta entre a percepção e a escrita das obstruintes, ativando mais precocemente capacidades metalinguísticas, provavelmente pelo contato com ambas as línguas. A relação percepção/escrita para o grupo monolíngue mostra-se não tão direta, aparecendo mais tardiamente, sendo o avanço escolar primordial nesse processo. O grupo intermediário, por sua vez, oscila no estabelecimento da relação percepção/escrita, demonstrando muito mais desajustes no processo de escrita das obstruintes.

Tendo como partida a constatação de que a omissão de acentos gráficos é um fato comum na escrita de alunos dos anos iniciais da alfabetização e de que há uma tendência à extensão deste comportamento ao longo da escolarização, Vera Pacheco e Marian Oliveira, em *Algoritmo de acentuação gráfica e protocolo de parcimônia: uma proposta para*

*otimização do ensino e uso das regras de acentuação gráfica*, propõem um algoritmo e um protocolo baseados na relação entre estrutura silábica, tonicidade e acentuação gráfica e aspectos fonológicos marcados e não marcados. A proposta destina-se à sala de aula como forma alternativa para o trabalho com a acentuação gráfica nas escolas, servindo também como material para o uso consciente desta ferramenta ortográfica pelos usuários.

Encerra esta publicação o artigo de cunho bibliográfico, intitulado *O conhecimento do sistema fonológico e o ensinar a ensinar a ler: aspectos da formação (psico)linguística do professor alfabetizador*, de Ana Cláudia Souza e Letícia Junkes. As autoras argumentam em favor da necessidade de formação teórica para o professor alfabetizador, a qual deve envolver, especificamente, o conhecimento explícito e teórico sobre o sistema fonológico da língua, uma vez que ele está na base dos sistemas de escritas alfabéticas. Os processos de leitura e escrita e algumas das implicações do conhecimento fonológico para o ensino e para a aprendizagem de crianças típicas em processo de alfabetização em português brasileiro são focalizados.

Este número temático da *LINGUAGEM & ENSINO* privilegia, portanto, a Aquisição da Fonologia enquanto componente da abrangente área da Aquisição da Linguagem. Os estudos relatados, trazendo fatos empíricos e discussões teóricas a partir de dados de fala e/ou de escrita, oferecem evidências da relevância e da atualidade desse campo do conhecimento como parte da Ciência Linguística, com indiscutíveis repercussões para a teoria fonológica, para o entendimento da gramática alvo da aquisição, para o ensino da língua e, de modo particular, para o desvelamento do complexo processo de aquisição de um sistema linguístico.

Esperamos que a leitura dos artigos estimule a proposição de novos estudos, com reflexões avançadas no amplo escopo que a Aquisição da Fonologia compreende. Agradecemos aos autores por suas competentes contribuições, aos revisores por suas apreciações acuradas e aos leitores pelo engajamento em uma área da Linguística envolta em grande complexidade e também em grande encantamento.

## Referências

FREITAS, M. J. *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa), Universidade de Lisboa, Lisboa, p. 396, 1997.

HUMBOLDT, W. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Traducción y Prologo de Ana Agud. Centro de Publicaciones del MEC y Editorial Antropos, Barcelona, [1836] 1990.

LAMPRECHT, R. R. *Os processos nos desvios fonológicos evolutivos: estudo sobre quatro crianças*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1986.

LAMPRECHT, R. R. *Perfil de aquisição normal da fonologia do português*. Descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1990.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. *Uma proposta de análise de desvios fonológicos através de traços distintivos*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1988.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. *Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1990.

PIATELLI-PALMARINI, M. (ed). *Language and learning; The debate between Jean Piaget and Noam Chomsky*. Harvard University Press, 1980.

TEIXEIRA, E.R. *The acquisition of phonology in cases of phonological disability in Portuguese-speaking subjects*. Tese de Doutorado. Londres: Universidade de Londres, 1985.

VYGOTSKY, L.S. *Thought and Language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1962.  
<https://doi.org/10.1037/11193-000>